

## Tessituras do corpo negro na poesia de Odailta Alves<sup>1</sup>

Josemar dos Santos Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo:** A escrita de mulheres compreende o direito à literatura no amplo sentido de acesso, de respeito e de humanização. Este artigo volta-se para a poesia negra brasileira de autoria feminina, e tem como objetivo evidenciar as expressões do corpo em **Clamor Negro**, de Odailta Alves. Seus poemas se entrelaçam e formam um percurso com a exteriorização do corpo negro que também é de quem com/sobre ele escreve. Para esse entendimento, adentra-se nos dois aspectos da palavra poética, o histórico de cunho pessoal e social (PAZ, 1982), e o que se refere à emergência de sua utilização para efeito sonoro e de sentido(s) (TODOROV, 2009). Há dois conceitos desenvolvidos quando observado o corpo negro em contexto histórico-social, são eles: *percurso-ressignificação* e *fissuras diaspóricas*, que compreenderão a contribuição teórica para a análise da poesia em questão. Pontua-se o que impulsiona o distanciamento de lugar e do próprio corpo, em função de um deslocamento forçado (BRAH, 2011); de modo que se busca um restabelecimento, criar raízes em/para outra forma de relação social. Uma relação, portanto, engendrada na ótica da similaridade, em que se tenta enquadrar-se sob imposições, por exemplo: religiosas, educacionais e políticas (GUATTARI & ROLNIK, 1996; NOGUEIRA, 2020; BOTELHO, 2016). Predomina na obra o corpo da mulher negra em percurso-ressignificação, que se consolida em autorrepresentação (EVARISTO, 2005), pelas circunstâncias de existir cada vez mais significativamente.

**Palavras-chave:** Escrita de mulheres; Poesia negra brasileira; Expressões do corpo; Odailta Alves; Autorrepresentação.

**Resumen:** La escritura de mujeres comprende el derecho a la literatura en el amplio sentido de acceso, de respeto y de humanización. Este artículo se vuelve para la poesía negra brasileña de autoría femenina, y tiene como objetivo evidenciar las expresiones del cuerpo en **Clamor Negro**, de Odailta Alves. Sus poemas se entrelazan y forman un recorrido con la exteriorización del cuerpo negro que también es de quien con/sobre él escribe. Para ese entendimiento, se adentra en los dos aspectos de la palabra poética, el histórico de carácter personal y social (PAZ, 1982), y el que se refiere a la emergencia de su utilización para efecto sonoro y de sentido(s) (TODOROV, 2009). Hay dos conceptos desarrollados cuando se observa el cuerpo negro en contexto histórico-social, son ellos: *trayecto-resignificación* y *fisuras diaspóricas*, que comprenderán la contribución teórica para el análisis de la poesía en cuestión. Se puntúa lo que impulsa el distanciamiento de lugar y del propio cuerpo, en función de una dislocación forzada (BRAH, 2011); de modo que se busca un establecimiento, crear raíces en/para otra forma de relación social. Una relación, por lo tanto, engendrada en la óptica de la similitud, en que se tenta encuadrarse bajo imposiciones, por ejemplo: religiosas, educacionales y políticas (GUATTARI & ROLNIK, 1996; NOGUEIRA, 2020; BOTELHO, 2016). Predomina en la obra el cuerpo de la mujer negra en trayecto-resignificación, que se consolida en su

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE, sob orientação do Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes, no primeiro semestre de 2022.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Letras Português e Espanhol pela UFRPE. josemarferreira2012@gmail.com

autorrepresentación (EVARISTO, 2005), por las circunstancias de existir cada vez más significativamente.

**Palabras clave:** Escritura de mujeres; Poesía negra brasileña; Odailta Alves; Expresiones del cuerpo; Autorrepresentación.

## 1 Considerações iniciais

O direito à literatura possibilita a ampliação da humanização, uma vez que envolve o bem-estar comum. Aí estão imbricados o que se vive e o que se experiencia individual e coletivamente, mas não apenas no processo de uma leitura que varia gradualmente, do texto popular ao erudito, como contextualiza Antonio Candido (2011). Ao pontuar desigualdades a partir da raça (o negro) e da classe social (esfarrapado, pobre, desvalido) como base de discussão sobre a literatura enquanto direito universal da humanidade, no tocante aos efeitos da leitura, deixa-se de acrescentar a implicação do gênero para um maior alcance de uma consciência das desigualdades, o que inclui também a escrita de mulheres como direito à literatura.

A invisibilidade da produção literária de autoria feminina, em face de uma voz masculina hegemônica no Brasil, alicerçou-se em uma ótica pautada na inferioridade atribuída ao pensamento da mulher (CASTANHEIRA, 2011). Ao romper os cercos desse preconceito, em meados do século XVIII escritoras brasileiras começam a publicar suas obras. Com relação à literatura negra de autoria feminina, menciona-se a publicação de **Ursula**, em 1859, de Maria Firmina dos Reis, considerada por muitos críticos a primeira mulher a publicar um romance em ordem cronológica no país (CASTANHEIRA, 2011).

O então panorama da literatura negra de autoria feminina se desenvolve através de uma escrita consciente da trajetória contra os discursos patriarcais e discriminatórios que ameaçam com o apagamento de suas obras (SILVA, 2010). A abordagem dessa produção traz cada vez mais as relações desiguais do ponto de vista étnico-racial.

Objetiva-se, com a análise da obra **Clamor Negro**, de Odailta Alves, evidenciar expressões do corpo negro em *percurso-ressignificação*, que se opõe ao que impulsionam as *fissuras diaspóricas*. Os termos destacados serão esclarecidos ao longo do artigo. O primeiro se refere ao entendimento do que é saber-se e querer-se negro, enquanto o segundo fundamenta-se com as imposições de padrões e estruturas racistas que forçam deslocamento em conflito.

Para o alcance do proposto, serão abordados: 1) a experiência com a escrita e com a leitura de poesia como consagração do instante (PAZ, 1982), que permitirá adentrar na palavra poética encarnada pelo que há de próprio e de alheio ao autor; 2) o corpo em destaque na poesia

negra brasileira de autoria feminina, a mostrar uma escrita sobre como esse corpo se autorrepresenta; 3) o texto do corpo negro na poesia de Odailta Alves, em que se aprofundará na materialidade dos poemas: da palavra poética ao tema, do tema ao ritmo e à música – modo de perceber como o corpo negro se exterioriza em poesia; 4) as experiências desse corpo na sociedade brasileira, trazidas nos poemas, e vistas com um respaldo de estudos histórico-sociológicos, a ressaltar a escola e a igreja como espaços que sustentam estruturas racistas; e 5) a autorrepresentação na obra literária de que se trata, em perspectiva da Escrivivência (EVARISTO, 2005; 2020), a saber que, ao invés de a mulher ser representada, ela se autorrepresenta em sua trajetória de conexão com a ancestralidade, a cultura, a história, as crenças do povo ao qual pertence.

Visto que quem escreve e a significação do que escreve culminam no estímulo à fruição, o direito à literatura, além do seu acesso mediante à leitura, torna indispensável o direito à escrita. E a literatura negra de autoria feminina tem abarcado a luta de se fazer ouvir através do corpo negro de “alma negra”, como é dito no poema “Clamor Negro”, título homônimo ao do livro. É uma literatura que se instaura sem pedir permissão para existir e assenta sobre o mundo de quem lê o múltiplo de um corpo que não é só constituído de carne, mas sobretudo de alma negra.

## **2 Referencial teórico**

A palavra poética remete ao que advém da emergência de sua utilização, seja pelos sons empreendidos, seja pelo efeito de sentido no alcance de contrastes da própria palavra. Toda palavra evoca uma experiência pela sua iconicidade, mas a palavra poética satisfaz uma outra experiência, que requer a anterior como suporte empírico para um novo acontecimento. “O caráter concreto da palavra poética não se identifica, necessariamente, com o caráter icônico, mais imediato, das artes visuais. O concreto do poema cresce nas fibras espessas da palavra, que é um código sonoro e temporal; logo, um código de signos cujos referentes não transparecem, de pronto, à visão” (BOSI, 1977, p. 114).

O poema percorre o leitor enquanto este se movimenta em suas palavras. É um movimento que coaduna tempos, multiplicidade de ações, recortes históricos, segmentos e linhas de um ser que tem a mesma proporção que o momento transcorrido na leitura. Este momento é pleno de existência, é a exteriorização da vida, pois

no poema, o singular é o concreto, o ser "multiplamente determinado", multiplamente unido aos sentimentos e aos ritmos da experiência, multiplamente composto de conotações históricas e sociais. Singular é o

momento pleno da vida, o mais rico de todos; por isso difícil de ser expresso fora dos termos de imagem-som[...]. (BOSI, 1977, p. 113)

Não é fora da vida que os versos são confeccionados, acomodados em sentidos, requeridos a um tema que se deve identificar para as possibilidades de mover-se, pela escolha de cada efeito possível sobre caminhos vividos. Algo se repete junto à própria vida, no mover da experiência dentro e fora do campo de visão. Isso porque “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com ele numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes” (TODOROV, 2009, p. 22).

A literatura negra tem em seus alicerces o resgate da história, e seus escritores também consideram importante

[...] resgatar o afro-brasileiro de sua situação de inferiorização, sacudir as idéias, denunciar a discriminação que corrói e humilha, pôr a nu as sutilezas e armadilhas da segregação racial e, sobretudo, querem dar-se o direito de expressar o que sentem e o que pensam, mesmo se isso incomoda, ou justamente por isso. [...] são representantes de um movimento literário fecundo e amplo, escrevendo a partir da perspectiva de *se saberem* e de *se quererem negros*, assumindo a sua identidade e suas origens, marcando seus textos com o fogo dessa experiência de vida própria, carregada de emoção e altivez. (p. AUGEL, 1997, p. 85, grifos da autora)

Saber-se e querer-se negro é parte do processo de escrita sobre o corpo que se expressa no texto. As palavras encarnam esse corpo que “[...] é um acontecimento que inaugura a existência. Não apenas é uma existência coletiva: o corpo é a forma cultural que dá forma ao corpo” (OLIVEIRA, 2005, p. 128). O corpo tece sua existência através de palavras que já não são apenas o que dizem, mas que são também o texto do corpo através delas; “é preciso ler o texto do corpo e no corpo do texto” (SALES, 2021, p. 175). A linha histórico-social se distende para efeito da vida, é a vida-tema, a vida-momento, o ser uno e plural, corpo negro que se escreve com a ancestralidade inscrita em si. Não há distância de mundos que o mundo revela, tão inclinado ao revestimento literário quanto aos tempos descontínuos da experiência com a história e com a sociedade. Sobre estes tempos,

[...] a literatura negra desempenha no Brasil um importante e necessário papel questionador, revendo e abalando os valores admitidos pela sociedade estabelecida como incontestes e irrefutáveis, assumindo um lugar de contra-força, de resistência contra o *discurso oficial e representativo do grupo dominante*. A literatura negra define-se a si própria como portadora de um posicionamento contrário e crítico, mostrado em alto e bom tom o que nem sempre é aceito nem visto com neutralidade ou sem emoção. (AUGEL, 1997, p. 85-86, grifos nossos)

O discurso oficial representativo do grupo dominante parte das relações capitalistas, como um dos fatores das configurações de classes e dos meios que condicionam valor às pessoas, a atribuir identidade social. Com isso vê-se a subjetividade como produto, atrelada a referências de modos de ser universais, tendo em vista que uma das características de produção da subjetividade é

[...] a tendência a bloquear processos de singularização e instaurar processos de individualização. Os homens, reduzidos à condição de suporte de valor, assistem, atônitos, ao desmanchamento de seus modos de vida. Passam então a se organizar segundo padrões universais, que os serializam e os individualizam. (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 38)

A condição singular do ser humano afirma-se por outras maneiras de ser e de intervir em sua existência, outras percepções e sensibilidades contrárias às que são impostas. “A singularidade é um conceito existencial; já a identidade é um conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência, quadros esses que podem ser imaginários” (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 68).

O ser humano tem seu corpo como território; suas ações são influenciadas diretamente por relações políticas e interpessoais. Assim, “é preciso que cada um se afirme na condição singular que ocupa; que a faça viver, que a articule com outros processos de singularização, e que resista a todos os empreendimentos de nivelção da subjetividade” (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 50). Este posicionamento não é feito sem questionamentos, já que a nivelção de subjetividade sempre nega outras. A afirmação articula-se com a frase bastante utilizada na sociedade brasileira: “você sabe com quem está falando?”, uma vez que

permite precisamente a passagem do indivíduo à pessoa. Isto é, do terreno da impessoalidade das relações capitalistas para o sistema hierárquico e autoritário das relações pessoais, para o terreno do favor, da consideração, do respeito, do prestígio, com seus figurões, seus medalhões, seus padrinhos, seus pistolões, etc. Nesse sentido, o que torna alguém *pessoa*, o que lhe dá identidade social não é apenas o critério econômico, mas também, e sobretudo, as relações pessoais. São pessoas aquelas que *contam*; como revela o dito: “quem tem sapato se conhece”. E entre quem se conhece, não se pergunta: “você sabe com quem está falando?”, pois todo mundo já conhece o seu lugar”. (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 59, grifos dos autores)

No terreno da impessoalidade, o outro é apenas um indivíduo que, para considerar-se pessoa, tem de saber o seu "devido lugar" nas relações pessoais já estabelecidas. Tal afirmação se mostra como refluxo que ocorre com o negro inserido em estruturas racistas, porque “geralmente se assume que há um único Outro dominante cuja onipresença circunscreve as construções do ‘nós’” (BRAH, 2011, p. 115) [tradução nossa].

A diáspora, com o seu significado mais profundo, remete à noção de uma longa viagem (BRAH, 2011). Mas uma viagem distinta das que, por ocasião, possibilita uma escolha própria. “Paradoxalmente, as viagens diaspóricas buscam essencialmente estabelecer-se, criar raízes ‘em alguma outra parte’” (BRAH, 2011, p. 213) [tradução nossa]. No caso da escravização dos povos negros, a diáspora se constitui com a sua extração e traslado do continente Africano para exercer trabalhos forçados em outros lugares. “A negação dos escravos enquanto seres humanos implicou necessariamente na negação de sua subjetividade, que foi violentada, negada, ignorada, principalmente nas relações entre eles: mãe escrava-filhos, pai escravo-filhos e homem-mulher escravos” (GIACOMINI, 1988, p. 37). Essa conjectura reduziu o negro a objeto.

Pensar acerca das circunstâncias pelas quais se viaja e de quem e quando viaja, questionamentos levantados por Brah (2011), leva a considerar o momento da necessidade ou da escolha de se deslocar. O deslocamento do negro na sociedade brasileira é esperado por uma postura de assimilação, dentro de uma perspectiva hegemônica de poder. Quando isso acontece, o negro se distancia de si mesmo e de suas práticas singulares em busca de uma similitude para que seja incorporado em padrões impostos como universais.

Ao que Foucault (1999, p. 36) denomina de jogo das simpatias como uma forma de *similitude*, “[...] suscita o movimento das coisas no mundo e provoca a aproximação das mais distantes. Ela é princípio de mobilidade: atrai o que é pesado para o peso do solo e o que é leve para o éter sem peso; impele as raízes para a água e faz girar com a curva do sol a grande flor amarela do girassol”.

As relações humanas deveriam ocorrer em aproximações como algo natural, a se preservar as singularidades. Mas a configuração das oportunidades de aproximação que o negro tem é um caminho de “escolha” paradoxal. Uma vez que se aproxima de um mundo que não o compreende como pessoa, distancia-se de seus modos de vida. Nesse caso, a simpatia do negro pelo mundo do branco é resultado de um ideal de ego que conflitua em

[...] uma instância do Mesmo tão forte e tão contumaz que não se contenta em ser uma das formas do semelhante; tem o perigoso poder de assimilar, de tornar as coisas idênticas umas às outras, de misturá-las, de fazê-las desaparecer em sua individualidade – de torná-las, pois, estranhas ao que eram. (FOUCAULT, 1999, p. 36)

A infiltração da perspectiva de semelhança com o mundo do branco revela uma tentativa de identificação que faz desaparecer sua singularidade, pois, “na ausência de transformações semelhantes, o negro brasileiro, exposto ininterruptamente às imagens de um mundo branco dominante, ficará confinado às alternativas de uma auto-imagem negativa ou a adoção de um

ideal de ego branco nos seus intentos de ascensão social” (GONZALEZ & HASENBALG, 1982, p. 113).

Com base no exposto, a poesia negra de autoria feminina é própria do que suas escritoras observam e compreendem acerca do mundo em que vivem “[...] antes de encarnar esse conhecimento em histórias, personagens, imagens, sons” (TODOROV, 2009, p. 91). Elas encarnam “esse conhecimento” na singularidade de sua escrita, com o que vivem em seus corpos, com os seus corpos. “Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano” (TODOROV, 2009, p. 92). Com o direito à escrita, a mulher negra amplia as percepções sobre a condição humana, sem deixar de lado o contexto das relações sociais que estruturam formas de racismo e mantêm uma autoridade patriarcal; traçam, pois, um percurso de saber-se e querer-se negras.

### **3 O corpo em destaque na poesia negra brasileira de autoria feminina**

Versos são linhas de materialização do poema. No ato de lê-los há movimento; caminhos são traçados, ao contrário de se decalcar o mundo com suas palavras. Isso porque “a palavra poética jamais é completamente deste mundo: sempre nos leva mais além, a outras terras, a outros céus, a outras verdades” (PAZ, 1982, p. 56). O dizer dessas palavras fundamenta um movimento em tempo absoluto, um instante. Por serem também palavras deste mundo, carregam uma época, o momento da fala de um povo, a história. Resulta-se que o instante consagrado na leitura do poema ou é outro ou é reflexo do instante que “o poeta consagra sempre uma experiência histórica, que pode ser pessoal, social ou ambas coisas ao mesmo tempo” (PAZ, 1982, p. 57).

É necessária uma concepção de como a poesia se manifesta no poema, uma vez que condiz com um acontecimento sinestésico, pois, através do “eu poético”, experimenta-se um reflexo de águas profundas. O “eu poético” é este reflexo, mirado na ação da leitura. A poesia se manifesta “sempre que as palavras declararem o ser: o ‘eu’ que se autodesvenda” (MOISÉS, 2003, p.134). Sem o contato com o que a poesia habita, tem-se apenas um borrão distante, algo que se busca sem jamais se concretizar, porque só se concretiza enquanto reflexo de águas profundas. Sem as águas e sem o que refletir, como o “eu” se autodesvendará? Pode-se entender que “[...] a poesia é a expressão do ‘eu’” (MOISÉS, 2003, p. 138, grifos do autor). Considera-se que o “eu” seja isolado, porém não independente da ação humana, uma vez que sua expressão só ocorre no contato contemplativo.

A poesia negra brasileira de autoria feminina destaca o corpo da mulher negra que lutou por sua liberdade e emancipação. Esse corpo torna-se a própria poesia. As palavras não só declaram o corpo, como também o são; manifesta-se no instante que se consagra. Não se trata simplesmente de um tempo que transcorre em prol de esclarecer a função social do poema. Esse instante surte efeitos que vão além de um fenômeno, ecoa no pensamento, na forma de olhar o mundo, de relacionar-se com este.

Em torno da experiência histórica de cunho pessoal e social, “[...] as vozes vão tecendo uma escrita poética *que restitui a humanidade violada pela dominação colonial e restabelece o protagonismo de existências silenciadas* [...]” (SALES, 2021, p. 169, grifos da autora). As palavras dessas vozes-poetas são o instante consagrado em luta, pelo direito de escrever e de se fazer ouvir; pelo mesmo direito de percorrer outros mundos dos quais a história fez seu recorte, por isso a redimensionam.

Ao inverso do que ocorre com os axiomas dos matemáticos, as verdades dos físicos ou as ideias dos filósofos, o poema não abstrai a experiência: esse tempo está vivo, é um instante pleno de toda a sua particularidade irredutível e é perpetuamente suscetível de repetir-se em outro instante, de reengendrar-se e iluminar com sua luz novos instantes, novas experiências. (PAZ, 1982, p. 53)

Na leitura e na escrita há o desdobramento da liberdade, que as escritoras negras iluminam com novas experiências de cunho antirracista e antipatriarcal. Assim como a liberdade e a emancipação da mulher negra foram conquistadas por meio de luta, suas produções resultam em uma luta efetiva contra o racismo estrutural no Brasil. São produções nas quais o corpo negro submerge e emerge em si, atravessa a história que se impregnou nas palavras e no próprio corpo de quem o concebe em movimento; passado e presente se fundem no instante consagrado. O corpo de que se fala emana a si mesmo em rede, através da qual

[...] identificamos algumas questões que fazem parte do modo como as poetisas negras constroem os seus versos: relações entre as poesias, a partir do sujeito lírico, com o momento histórico e cultural em que suas palavras se inserem. Articulado o passado e presente, a ancestralidade atua como uma categoria fundamental para esse sistema de pensamento. (SALES, 2021, p. 171)

Os aspectos cultural e ancestral retratam as relações de pertencimento africano do corpo que se destaca na poesia negra aqui abordada. A expressividade desse corpo abarca um povo e o momento de fala que as palavras oferecem por serem históricas, assim como seu enunciado em um começo absoluto por se revestir de palavras poéticas (PAZ, 1982). Com o seu direito à escrita literária, a mulher negra concebe, a partir de suas palavras, um corpo que também é o seu.



#### 4 O texto do corpo em **Clamor Negro**, de Odailta Alves

A obra **Clamor Negro** reúne poemas que se entrelaçam na exteriorização do corpo negro. São dele as palavras que o enuncia. Predomina na obra o texto do corpo em continuação, como recurso narrativo que perpassa a (re)construção de sua integridade. No contexto de uma sociedade que o vê fragmentado através do racismo, imprime-se um percurso no qual o corpo negro é reconhecido por inteiro, a ressignificar cada uma de suas “partes”, na direção contrária e contra as estruturas que investem em sua fragmentação.

Já no primeiro poema, título homônimo ao do livro, evidencia-se esse corpo ao longo de sua existência,

Que minha cor  
Não seja motivo de xingamento  
[...]  
Que meu passado  
Não me plante na escravidão  
E nunca se esqueçam  
Que fui escravizada  
Mas escrava: NÃO  
[...]  
Que meus cabelos  
Sejam inocentados  
Do crime que não cometeram  
[...]  
Que por minha boca  
Eu Jamais seja chamado  
De bicudo, beijudo  
[...]  
Meu nariz  
Não é afilado  
Por isso é feio?  
NÃO!  
[...]  
Minha pobre avó  
De olhar agateado  
Às vezes, esfomeado  
Ou triste... discriminado  
Sempre a olhar os pés  
PRETA  
Não tinha orgulho  
Deveria mirar o chão  
Ensinar-lhe que a saída  
Era casar com branco  
Clarear a família  
Triste ilusão  
Graças a meu Deus Negro  
Nascemos tal qual vovó  
Mas junto também nasceu  
[...]

O orgulho de ser negro  
De pele e alma negra  
E baixar os olhos: JAMAIS!  
(ALVES, 2016, p. 9-11)

Cabelos, boca, lábios, nariz, pés e olhos situam um presente que, por sua vez, conecta-se ao passado por uma linha histórica, e que se segmenta em consequência da aceitação do corpo. Mas sua relação com o passado também o torna inteiro: corpo de pele e alma negra. A incidência do passado sobre ele advém de sua existência desde a ancestralidade negro-africana, materializada na figura da avó<sup>3</sup>. Esse passado o atravessa em contexto de escravidão. Mas o olhar em direção ao chão é superado, o orgulho de ser negro é fortalecido, e se levanta para seguir o seu caminho. E seu clamor se direciona a todos os seus iguais para continuarem no percurso em comum, com um posicionamento de existência livre, na luta contra a discriminação racial; clama um caminhar não arbitrário, coerente com a ultrapassagem das barreiras erigidas, e que, para isso, é preciso erguer o olhar; clama a desconstrução dessas barreiras; clama, em tom de exigência, o respeito daqueles que ainda reproduzem atitudes insurgentes dos ecos da escravidão. Todos os corpos são afetados, porque se trata de uma luta diária e coletiva, até por que “esperar que atitudes isoladas, fragmentadas e de responsabilidade exclusiva dos negros possibilitem uma transformação social eficaz nos parece ingenuidade” (BOTELHO, 2016, p. 142).

No poema “Racismo” é sugerido a quem fala que “todo mundo é igual”, enquanto escamoteia práticas racistas, que vista a pele negra, um meio figurativo para que se reflita o efeito de tais práticas: “Vem!/Veste minha pele!/Entra na loja de bacana[...]” (ALVES, 2016, p. 43). Nessa mesma perspectiva, cabelos, lábios e nariz enfatizam a violência com a qual fragmentam o corpo negro: “Vem!/Veste minha pele!/E sentes o quanto dela/Ainda sofre resquícios da escravidão/E meus cabelos blacks, dreads, rastas/São julgados sujos,/Meus lábios carnudos,/Meu nariz largo/Tudo! Tudo fora do teu padrão./E por ti pisoteado” (ALVES, 2016, p. 44).

Mesmo que os gêneros masculino e feminino, na imanência do corpo, sejam constatados nos versos do poema trazido no início desta seção, e agora no(s) verso(s) dos poemas 1) “Ecos de uma alma negra”: “Sou preto! Preta” (ALVES, 2016, p. 19), e 2) “Espelho negro”: “Sou Almirante Negro[...]/Quero ser a fada, princesa [...]/Chega!/Cansei de ser vilão” (ALVES,

---

<sup>3</sup> Essa inferência é pautada em uma análise do poema Vozes-mulheres, de Conceição Evaristo, feita por SALES (2021, p. 176), que pontua o seguinte sobre o sujeito lírico do poema: “[...] a ancestralidade negro-africana se materializa em quatro figuras femininas: a bisavó, a avó, a filha e a mãe”. De modo que se percebe no poema de Odailta Alves a figura feminina da avó com o mesmo teor de materialização da ancestralidade negro-africana.

2016, p. 20-21), é da mulher negra o corpo que se destaca no livro. De modo que se desenha nele a figura de uma Ìya, que em iorubá quer dizer mãe, da qual nascem todos os humanos (SALES, 2021). A exemplo, lê-se os versos do poema “Ânsias de uma mulher”: “Recuso-me ter vindo de costelas/Mas ninguém vem ao mundo sem mim/Meu barro foi modelado por mãos femininas” (ALVES, 2016, p. 28). A linha histórica da ancestralidade africana não apenas permanece inscrita como é parte do corpo negro (SALES, 2021) que se reafirma na evocação de mulheres, em consonância com a sua liberdade de escolhas: “Eu gosto de ser mulher/Não flor, Cristal, Santa, Rainha do lar/Quero ser mulher: Dandara, Joana D’Arc, Pagu, Chica da Silva,/Luíza Mahin, Clarice, Bethânia,/Benguela, Carolina de Jesus,/Virgínia, Beauvoir” (ALVES, 2016, p. 28).

A mulher negra flui em seu corpo com “o amor de Oxum”, uma das forças da natureza que “acordam” sua poesia (ALVES, 2016, p. 32). E seu fluxo torna-se forte e contínuo: “O mel de Oxum adoça minha vida/E seu amor move minha correnteza” (ALVES, 2016, p. 26). O mel de Oxum que adoça a vida é uma comparação implícita com o que a alimenta. E o que a alimenta também é metafórico, algo genuíno: o amor. “Dentre os muitos arquétipos, Oxum é um orixá feminino da cultura negro-africana que simboliza aquela que reina sobre as águas dos rios, a fertilidade, o amor, a maternidade, o poder feminino, a insubmissão feminina” (SALES, 2021, p. 174).

Uma homenagem a Oxum chama atenção pela dinâmica com que as palavras se desdobram em música e ritmo. Sugere-se que há um canto sem que o corpo se faça ver. Mas já se sabe que Oxum está no mover a correnteza e no adoçar a vida da mulher negra, conforme os versos trazidos no parágrafo anterior. O poema “O mel de Oxum”, que abaixo é compartilhado, permite dizer que as palavras poéticas transparecem a “alma negra” desse corpo-mulher:

Oh, Mamãe Oxum,  
Minha deusa do amor  
Joga teu mel  
Sobre aquela orquídea  
A mais bela flor  
Que eu quero vê-la  
Toda agoniada  
De tanto açúcar grudada  
Suplicar por meu amor  
(ALVES, 2016, p. 31)

Para que se perceba o canto no poema é necessário analisar como os versos estão estruturados em sua musicalidade, “sugestão de música e ritmo” (GOLDSTEIN, 1999). Vale frisar ainda que “a poesia tem um caráter de oralidade muito importante: ela é feita para ser falada, recitada. Mesmo que estejamos lendo um poema silenciosamente, perceberemos seu

lado musical, sonoro, pois nossa audição capta a articulação (modo de pronunciar) das palavras do texto” (GOLDSTEIN, 1999, p. 2).

A pronúncia das palavras está atrelada à alternância de suas sílabas poéticas, que podem conter a união de sílabas (sinalefa). Segue a divisão das sílabas de um verso: de-TAN-toa-ÇÚ-car-gru-DA (da). As letras maiúsculas indicam as sílabas acentuadas; a ocorrência de sinalefa é indicada com um sublinhado; e a(s) sílaba(s) em parêntesis não é/são contada(s) para efeito métrico. O ritmo, portanto, “é formado pela sucessão, no verso, de unidades rítmicas resultantes da alternância entre sílabas acentuadas (fortes) e não-acentuadas (fracas); ou entre sílabas constituídas por vogais longas e breves”. (GOLDSTEIN, 1999, p. 3-4) Observa-se que, ao dividir um verso, as sílabas poéticas são contadas até a sílaba tônica da última palavra.

O Esquema Rítmico (E. R.) do verso que foi dividido é apresentado desta forma: E. R. 7(2-3-6), ou seja, o verso é composto por sete sílabas poéticas, e as sílabas 2, 3 e 6 são acentuadas. Segue agora a divisão de todos os versos do poema “O mel de Oxum”, com o seu respectivo E. R.:

1 OH,-ma-MÃ <u>E</u> O-XUM,	E. R. 4(1-3-4)
2 MI-nha-DEU-sa-d <u>o</u> a-MOR	E. R. 6(1-3-6)
3 JO-ga-TEU-MEL	E. R. 4(1-3-4)
4 SO-bre <u>a</u> -QUE-la <u>o</u> r-QUÍ (dea)	E. R. 5(1-3-5)
5 a-mais-BE-la-FLOR	E. R. 5(3-5)
6 que <u>e</u> u-QUE-ro-VÊ (la)	E. R. 4(2-4)
7 TO-d <u>a</u> a-go-ni-A (da)	E. R. 5(1-5)
8 de-TAN-to <u>a</u> -ÇÚ-car-gru-DA (da)	E. R. 7(2-4-7)
9 su- <u>p</u> li-CAR-por-ME <u>U</u> A-MOR	E. R. 6(3-5-6)

O número de sílabas poéticas ora se alterna, ora se repete, assim como os acentos dessas sílabas. A pronúncia da primeira sílaba do verso 1 tem um intervalo de tempo que repercute no final dos versos 2, 5 e 9. Nestes, utiliza-se a rima externa em que o som “ÔR”, ao invés de aumentar, causa um efeito de “amortecimento”. Já os versos 3 e 4 promovem mais fluidez, com o auxílio da recorrência dos sons “Ê”, “E” e “A”; o mesmo acontece nos versos 6, 7 e 8. Mas nestes a fluidez é ainda mais perceptível, com a repetição do som “A” também nas últimas sílabas (la/da/da) para efeito de rima – mesmo que as sílabas em parêntesis não sejam contadas na medição dos versos, pertencem a eles e são pronunciadas –. Como suporte para o canto no

poema, pode-se considerar o toque de base do agbê<sup>4</sup>, uma vez que a alternância e repetição das acentuações silábicas “1-3”, “3-5” e “2-4” lembram o “pi-u-í ta-ta-ta” (ilustração rítmica desse toque). O canto incide justamente na marcação de dois tempos: um-dois, um-dois e assim por diante.

Não se preocupou com outros elementos que corroboram para a música e o ritmo dos versos do poema em questão, uma vez que se tentou chegar à afirmação feita de que há um canto expresso em suas palavras. Desse modo, o canto seria o revelar da própria “alma negra”. Mais à frente há a conclusão dessa interpretação. Porém, vale lembrar que,

a interpretação dificilmente será a palavra final se for feita por uma só pessoa. O texto literário talvez seja aquele que mais se aproxima do sentido etimológico da palavra "texto": entrelaçamento, tecido. Como "tecido de palavras" o poema pode sugerir múltiplos sentidos, dependendo de como se perceba o entrelaçamento dos fios que o organizam. Ou seja: geralmente, ele permite mais de uma interpretação. Dada a plurissignificação inerente ao poema, a soma das várias interpretações seria o ideal. (GOLDSTEIN, 1999, p. 1)

Para a interpretação do poema analisado, discorre-se que, por um lado, o mel de Oxum figura o amor como alimento da vida, visto com os versos citados novamente: “O mel de Oxum adoça minha vida/E seu amor move minha correnteza” (ALVES, 2016, p. 26). Por outro lado, a orquídea figura alguém que se volta para si mesmo, egoísta, e que por não se alimentar de amor, não reconhece esse sentimento de quem lhe oferece, pois a si mesmo se basta com toda a sua superfície. A partir dessa perspectiva, conclui-se o seguinte: não é com a contemplação de sua superfície que o corpo sente o “adoçar da vida”, mas com o que há de mais intocável: a “alma”, pois somente com a alma é possível se alimentar de amor.

Dessarte, **Clamor Negro** apresenta poemas em que a exteriorização do corpo é poesia em fluxo, a expressão do “eu”; corpo que se pluraliza em sua capacidade de (re)iniciar a própria vida, e a difundir sua autoafirmação de possuir não apenas a pele, mas também a alma negra.

## 5 Experiências do corpo negro na sociedade brasileira

No início da seção anterior afirmou-se que o corpo negro imprime um percurso no qual é reconhecido por inteiro, o que se sustentou com trechos do poema “Clamor Negro”. Trata-se do *percurso-ressignificação*, que se desdobra com a territorialização do corpo. É através desse percurso que são desarticulados os condicionamentos por *fissuras diaspóricas*. Para esse

---

<sup>4</sup> O agbê é um instrumento de origem africana, confeccionado com uma cabaça revestida por uma rede de contas ou sementes. Compartilha-se um link de acesso a um vídeo que mostra a execução do ritmo básico do instrumento: <https://www.youtube.com/watch?v=cvawlfPNXJI>. Seu acesso ajudará a perceber o canto que a alternância das sílabas poéticas revela.

entendimento, lança-se mão das relações sociais que a obra literária em questão abarca, vinculadas a um suporte histórico. Vale salientar que “o tempo histórico é sempre plural: são várias as temporalidades em que vive a consciência do poeta e que, por certo, atuam eficazmente na rede de conotações do seu discurso” (BOSI, 1977, p. 122). Tentar-se-á trazer à luz o que as palavras concretas e as figuras tematizam, a iluminar os percursos do negro na sociedade brasileira. Amplia-se ainda mais o que se tem feito; acompanha-se os movimentos de um corpo que, em poesia, ao contrário de se desintegrar, move-se com o mover-se em sociedade, a saber de seu entendimento sobre o que lhe faz ser.

Para a proposta desta seção, parte-se de investimentos a padrões que grupos hegemônicos impõem como universais. O que se distancia de sua percepção ganha um olhar negativo e excludente. Quando o negro é sinônimo de força braçal, potência sexual e entretenimento, a seu corpo são atribuídos significantes que o inferiorizam.

É a autoridade da estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nessa nossa sociedade classista, onde os lugares de poder e tomadas de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. Ela é quem afirma: “o negro é o outro do belo”. É esta mesma autoridade quem conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros. (SOUZA, 1983, p. 29)

Os versos de Odailta Alves mostram a urgência de se desconstruir estruturas que acomodam práticas racistas, com a constatação de espaços que as incidem: espaços que o negro deve ocupar e espaços que o branco ocupa:

Não quero ser o exótico  
O erótico  
Mulatas sambando para turistas  
(ALVES, 2016, p. 16)

Governo é para branco  
Cozinha é para preta  
Faculdade é para branca  
Presídio é para preto  
O belo é para o branco  
O feio é para o preto  
Deixemos de hipocrisia  
(ALVES, 2016, p. 42)

Nota-se que não há consenso para a legitimação de padrões que se impõem sem se importar com a violência sobre o corpo discriminado. Pelo contrário, as ações desse corpo exprimem singularidade. A identidade negra também é parte de suas ações, que advém de seu modo próprio e referenciado de ver, de existir, de intervir em suas escolhas, como se faz compreender nestes versos:

Minha alma negra

Rejeita o teu chicote, gatilho,  
Teu olhar reprovador  
Do meu padrão de beleza,  
De crença, cultura!  
(ALVES, 2016, p. 19)

Dois movimentos se distinguem diante do “olhar reprovador”. O primeiro é proveniente das fissuras diaspóricas, e condiz com a sociedade classista que determina o negro como ser inferior dentro e fora de determinada zona de poder. Neste caso, resta-lhe o esforço pela assimilação a um “padrão de beleza” que não seja o seu, para livrar-se do “olhar reprovador”, mas sob a ordem do “chicote” e do “gatilho”. Na aceitação do que lhe é imposto, tentará criar raízes onde foi forçado a estar. O segundo movimento é o que traça o percurso-ressignificação, próprio do corpo que se percebe nos contextos políticos, históricos e sociais. Ocorre, portanto, a autorreflexão sobre os percalços diários enfrentados; reafirma-se em seu “padrão de beleza” que também são sua “crença” e sua “cultura”. É um processo de territorialização sem deixar de lado sua identidade, como bem mostra o poema Diferenças (ALVES, 2016, p. 41) trazido na íntegra:

Não!  
Não quero ser tratado  
Num mar onde  
“Todo mundo é igual”  
Quero ser respeitado  
Nas minhas diferenças  
Na complexidade que isso me traz  
Não quero ser pisado por olhares  
Que enxergam minhas crenças  
Como algo infernal  
Muita, muita paz  
Para quem é de  
Axé, Aleluia, Namastê  
E todas as tentativas de se socorrer  
Desse navio sem cais

Longe da intenção de prover dicotomia, a identidade negra difunde a conscientização de uma relação harmoniosa entre os seres humanos. Não é o que faz do ser humano pessoa ou indivíduo que está em questão, mas o que é próprio dele ao se reconhecer como tal. Por meio desse reconhecimento se combate os infortúnios das segregações produzidas pelo racismo, um combate que, inclusive, deveria ser reforçado pela escola, no entanto,

A escola é a artéria  
Que alimenta bravamente  
O racismo institucional  
Lá, desde cedo  
Quanto mais escura é a pele  
Maior é a chicotada  
[...]

A solução?  
Algo assim  
Bem surreal:  
Ampolas da 10.639/03<sup>5</sup>  
Talvez direto na veia  
Ela atinja a mente  
E destrua para sempre  
O genocídio racial  
(ALVES, 2016, p. 12-13)

Na escola, onde os grupos sociais são contemplados no processo de formação do Brasil e de seu “funcionamento”, deixar de lado as contribuições da população negra nas perspectivas intelectual, cultural e histórica, é reproduzir lacunas que afetam diretamente essa população. Incorre o investimento a uma forma de ser negro unicamente por servir a classes dominantes; reporta-se os conflitos de um cotidiano que “[...] é pródigo em situações em que o negro se vê diante de falsas alternativas, insatisfatórias todas: afirmação/negação, exploração, dominação/submissão” (SOUZA, 1983, p. 37).

Conforme as incidências das fissuras diaspóricas contextualizadas com questões histórico-sociológicas, “a violência parece-nos a pedra de toque, o núcleo central do problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (SOUZA, 1983, p. 2).

Ao se deparar com a brancura enquanto referência para o que é puro, belo e inteligível, resta ao negro esforços que o levariam ao embranquecimento. Em um deslocamento de culpa pelo seu passado idealiza um futuro que perpetua sua negação e anulação. É o que acontece quando está imerso na igreja cristã, sobretudo neopentecostal, pois continua a experimentar conflitos raciais pelo discurso do branco que se promove como “pastor de ovelhas”,

Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato. O motivo da maldição é a polêmica. Não sejam irresponsáveis twitters rsss [...] sobre o continente africano repousa a maldição do paganismo, ocultismo, misérias, doenças oriundas de lá: ebola, Aids. Fome [...] Sendo possivelmente o 1o. Ato de homossexualismo da história. A maldição de Noé sobre canaã toca seus descendentes diretos, os africanos [sic] [...]. (FELICIANO, 2011; apud NOGUEIRA, 2020, p. 49)<sup>6</sup>

A injeção de representações sobre os africanos vistas acima gera estímulos que alimentam negativamente a imagem do negro. Em consequência disso, o negro é impelido a

---

<sup>5</sup> Lei 10.639/2003 que altera a Lei n.º 9.394/1996, a qual determina as diretrizes e bases da educação nacional, passando a vigorar acrescida dos artigos 26-A, 79-A e 79-B. (Cf. BRASIL, 2003, Art. 1). Esta lei torna obrigatório o ensino da cultura e da história negra e afro-brasileira nas escolas.

<sup>6</sup> Fonte que autor extraiu a citação: FELICIANO, Marco. Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé... **Twitter**, 30 mar. 2011.



uma tentativa de busca pela similaridade. As fissuras, portanto, continuam a ocorrer 1) pelo deslocamento do negro ao mundo do branco, e 2) do negro nesse mundo em que almeja o embranquecimento.

Os investimentos na demonização das entidades religiosas cultuadas nos terreiros também são traços da violência pela qual a discriminação visa induzir o “outro” a se distanciar de sua identidade e a enclausurar o seu povo com esse mesmo olhar reprovador.

É no corpo negro que incidem as fissuras diaspóricas. Forçado a um deslocamento que resulta na tentativa de existir em uma similaridade conflituosa, volta-se contra si mesmo e contra os que têm a sua pele. Não consegue justificar suas ações senão através da subjetivação que condicionou seu comportamento, sensibilidade, percepção, memória, relações sociais, relações sexuais etc. É um indivíduo, é modelizado, que reproduz a inferiorização do negro enquanto ser humano; vê-se a desvalorização do negro para com o seu corpo, e as “portas se abrem” para ampliar a violência:

Minha beleza é ridicularizada  
Meus orixás viram demônios  
(ALVES, 2016, p. 16)

De bíblia debaixo do braço  
E revólver firme na mão  
O bandido evangelizado  
“Justiceiro”, “cidadão”  
Fecha a Casa de Santo  
Em nome de Deus  
Mas de que Deus?  
Do mesmo Deus que fugiu da Santa Inquisição  
De um Deus que esquece o passado  
E as lições de amor  
E deixa de ser oprimido  
E com discurso fingido  
Passa a ser opressor  
(ALVES, 2016, p. 40)

A escola e a igreja são espaços que deveriam prezar pela garantia de acolhimento, pertencimento e respeito sempre. Quando há uma postura pela qual as desigualdades raciais são geradas, compromete-se o modo próprio de ver, de sentir, de experimentar o mundo natural, familiar etc. Fundamentam-se relações de conflito que impulsionam o negro a enquadrar-se em padrões impostos. Uma vez que há o movimento de inserção a esses padrões, busca-se a similitude, experimentada em termos de bordas. Novos conflitos ocorrem pela concepção do negro como raça inferior e pelas novas experiências deste na busca pelo embranquecimento.

## **6 Corpo com/sobre o qual se escreve: experiência histórica de cunho pessoal e social**

Odailta Alves, nascida e criada no Recife, capital do estado de Pernambuco, promove em sua escrita a quebra do silenciamento secular, com o qual não é reconhecida a contribuição do negro na/para a sociedade brasileira, e sob o qual *a mulher negra nunca foi musa inspiradora de poeta nenhum; a mulher negra sempre foi objetificada, hipersexualizada*<sup>7</sup>.

Em **Clamor Negro**, a autora promove uma linguagem empoderada, libertadora, direta, como água que corre, fluxo de palavras em ato de soltar a voz, transversalizada pela plurissignificação do corpo que se permite fluir, corpo-voz. Soma-se a experiência de cunho pessoal e social que com/sobre esse corpo se escreve. Tal aspecto se insere na perspectiva da Escrivência que,

[...] em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (EVARISTO, 2020, p. 30)

A ação referida na citação pode ser exemplificada com os versos que seguem: “Meus lábios carnudos/Sentem a sede de justiça/Não feita com sangue/Mas de oportunidades” (ALVES, 2016, p. 10); “Venho da realeza negra/Sequestrada, subjugada/Pelas mãos brancas da aberração!” (ALVES, 2016, p. 20); “Meus cabelos encrespam o padrão/Meus seios não amamentam mais/O filho do patrão” (ALVES, 2016, p. 24). Denota-se uma construção de reflexões sobre o ontem para repensar o presente, sem deixar escapar a coletividade, mesmo que no poema sempre fale uma primeira pessoa (MOISÉS, 2003). O fato é que “[...] a Escrivência extrapola os campos de uma escrita em torno de um sujeito individualizado; [...] o agente, o sujeito da ação assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade” (EVARISTO, 2020, p. 38). A Escrivência então permeia um exercício de conectividade, ressaltado por Evaristo (2020, p. 30):

Nossa Escrivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana.

Pensada em torno do ato da escrita de mulheres negras, a Escrivência também consolida uma escrita de autorrepresentação. Reconhece-se que “uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da

---

<sup>7</sup> O excerto em destaque é uma fala de Odailta Alves em minidocumentário do programa Primeira Pessoa, da Diário de Pernambuco TV, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WGDOM72\\_dJM](https://www.youtube.com/watch?v=WGDOM72_dJM). Acesso em: 03 fev. 2023.

mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral” (EVARISTO, 2005, p. 53). Dessarte, a história literária das mulheres negras ganha força em percurso-ressignificação com o texto do corpo autorrepresentado, pois,

assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma *auto-representação* [sic]. Criam, então, uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2005, p. 54, grifos da autora)

Volta-se a reafirmar que o direito à escrita literária é intrínseco ao direito à literatura, dessa vez sustentado por Evaristo (2005, p. 54, grifos da autora): “Toma-se o *lugar da escrita*, como direito, assim como se toma o *lugar da vida*”. Esse lugar da escrita que as mulheres negras se fazem ouvir é contíguo à necessidade de conectar-se com a ancestralidade, de romper com a repercussão de olhares discriminatórios, de lutar contra o racismo, o patriarcalismo, entre outras questões que abarcam a coletividade, tanto no âmbito social quanto no empoderamento de sua escrita.

Através do que se tem abordado, a poesia de Odailta Alves não poderia deixar de lhe ter envolvida, ou seja, sua experiência histórica de cunho pessoal e social mescla-se ao “eu poético”, ao corpo-voz que também é seu. A afirmativa, atrelada ao *instante consagrado na escrita*, choca-se com o que Moisés (2003, p.137) supõe: “[...] a voz do poeta é, pelo menos, um ‘eu’ contíguo do ‘eu social’, podemos supor que a voz do poema seja igualmente um ‘eu’, agora insulado, livre de qualquer sujeição à origem, incluindo o ‘eu do poeta’”. O “eu” do poema, mesmo insulado, só consegue expressividade mediante o contato do leitor com o texto; não é independente do momento da leitura, assim como não o é quando concebido na escrita; emana da leitura o “eu” do poema, mas no tocante à literatura em questão, o leitor terá de adentrar na plurissignificação do corpo-voz com que se depara, sem deixar de lado que se trata de uma produção negra brasileira de autoria feminina. Não se pretende dizer que tal produção seja autoficção, ou somente uma escrita de si, e com isso seja imprescindível saber sobre quem escreveu determinado texto, mas porque em sua autorrepresentação, em sua Escrivivência, não há apenas uma autora, mulher, negra, brasileira, mas sua própria pluralidade a produzir literatura. Faz-se, pois, imprescindível tentar enxergar todos os contextos que o corpo da mulher negra atravessou e atravessa em seu percurso-ressignificação, seja na sociedade, seja na história, seja na literatura, com o seu direito à escrita.

## 7 Considerações finais

Foram contempladas as expressões do corpo negro na poesia de Odailta Alves, a partir de sua obra **Clamor Negro**, sem desassociá-lo da experiência que se tem com a escrita e com a leitura; corpo que é a exteriorização do “eu poético”, contíguo ao “eu social” de quem escreve. Destaca-se o corpo da mulher negra e a quebra dos silenciamentos sobre sua história na sociedade brasileira. Trata-se de uma produção emancipatória, uma vez que não há modelo predeterminado sobre o qual a autora se debruça para seguir temas impostos. Seus temas emanam do texto do corpo com/sobre o qual escreve, um dos aspectos que se acentua na literatura negra brasileira de autoria feminina. Ressalta-se nessa produção emancipatória o direito à escrita também como direito à literatura, pois, consequentemente, amplia-se e potencializa-se o acesso à leitura de textos em que a percepção que as mulheres têm de si mesmas estão representadas por elas; é o seu lugar de pertencimento, de ação humana, de lutas e de conquistas. Ao contrário de uma literatura que individualiza e ainda assim se diz a serviço da humanização, fala-se de uma literatura que permite aos leitores serem vistos em suas ações em contexto social.

A poesia de Odailta Alves compõe uma produção na literatura brasileira que se amplia em consequência de o direito à escrita ter se ampliado; desdobra-se em percurso-ressignificação, em Escrivência, em libertação. Ao saber que o poema é escrito para ser lido, recitado, a linguagem que Odailta utiliza para promover a expressão do “eu poético” requer também a visualização de uma performance do corpo que fala, que compartilha sua oralidade; é o corpo-voz, como bem assegura Conceição Evaristo. Esse corpo-voz em **Clamor Negro** traz a predominância de traços exclamativos, mais um aspecto da quebra dos silenciamentos que se propõe a poesia de Odailta.

Compartilhou-se ainda o entendimento do que tratam as *fissuras diaspóricas* e o *percurso-ressignificação*, trazidos como conceitos à luz da literatura em questão. O primeiro para mostrar como ocorrem os deslocamentos dos povos negros nas relações sociais que disseminam práticas racistas, e o segundo para ampliar o contexto de referência da escrita em que a mulher negra se autorrepresenta em consonância com suas origens, suas identidades, seu corpo.

Espera-se ter difundido o interesse pela poesia de Odailta Alves, que plurissignifica e ressignifica o corpo negro em sua ação de dizer, de movimentar-se em palavras, de quebrar silenciamentos. Espera-se também que esta pesquisa tenha contribuído com sua abordagem teórico-analítica para/sobre a literatura negra brasileira de autoria feminina que, entre outros aspectos, é contundente com as denúncias das múltiplas formas de produção de racismo e com

o combate ao patriarcalismo, e que estimula reflexões mais profundas sobre as aproximações e os distanciamentos das relações humanas na contemporaneidade.

## Referências

ALVES, Odailta. **Clamor negro**. 5. e. Recife: Edição da Autora, 2016.

AUGEL, Moema Parente. A imagem da África na poesia afro-brasileira contemporânea. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 19/20, 1997, p. 183-199. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20953>. Acesso em: 14 jan. 2023.

BOSI, Alfredo. O encontro dos tempos. In:\_\_\_\_\_. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 111-137.

BOTELHO, Denise. Educar para a igualdade racial nas escolas. In:\_\_\_\_\_. (Org.). **Educar para a igualdade racial nas escolas**. Recife: MXM, 2016, p. 133-155.

BRAH, Avtar. **Cartografías de la diáspora**: identidades en cuestión. Traducción: Sergio Ojeda. 1. ed. Madrid: Traficantes de sueños, 2011.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In:\_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 5. e. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193.

CASTANHEIRA, Cláudia. Escritoras brasileiras: momentos-chave de uma trajetória. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 25-36, jul. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v9n0a3917>. Acesso em: 19 nov. de 2022.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**, Palmares, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005. Disponível em: [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=6320](http://www.palmares.gov.br/?page_id=6320). Acesso em: 05 jan. 2023.

\_\_\_\_\_. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado (Orgs.). **Escrevivências**: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

FOUCAULT, Michael. A prosa do mundo. In:\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Selma Tannus Muchail. 8. e. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 30-56.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava**: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis (RJ): Vozes, 1988.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons e ritmos**. São Paulo: Ática, 1999. Livro em formato digital. Disponível em: <https://vdocuments.pub/versos-sons-ritmos.html?page=1>. Acesso em: 04 dez. 2022.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. e. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOISÉS, Massaud. Teoria da poesia. In: \_\_\_\_\_. **A criação literária: poesia**. 16. e. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 103-226.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira**. 2005. 353f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2005.

PAZ, Octavio. A consagração do instante. In: \_\_\_\_\_. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. 2. e. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 51-62.

SALES, Cristian Souza de. Poesia negra brasileira de autoria feminina: assentamentos de resistência. **Master**. University of California, v. 50, p. 159-191, 2021. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/3dg801xw#supplemental>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. **Fólio – Revista de Letras**. Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 20-37, jan/jun 2010.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. e. v. 4. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.